

CDU 372.416:801:001.8

**PRÁTICA PEDAGÓGICA E VARIEDADES LINGÜÍSTICAS:
UM ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE
HABILIDADES METALINGÜÍSTICAS**

Maria Cristina H. Sampaio

Profa. do Depto. de Psicologia da UNICAP

Alina G. Spinillo

Profa. do Depto. de Psicologia da UNICAP

Marilda F. Chaves

Supervisora para Alfabetização de Adultos da
Fundação Educar

A alfabetização é um fenômeno de múltiplas facetas, envolvendo aspectos como a natureza representacional do sistema da escrita (FERREIRO, 1986), os usos e funções da língua escrita (SAMPAIO e cols, 1990 e REGO, 1985) e a natureza dos planos de escrita desenvolvidos pela criança (CARRAHER, 1984, 1983).

O domínio desse sistema de linguagem implica a apreensão de alguns aspectos básicos, dentre eles, a habilidade de reflexão sobre a língua, tomando as unidades de fala como

entidades lingüísticas analisáveis, habilidade esta denominada **consciência metalingüística** (LUNDBERG, 1978). Os resultados de estudos como os de Carraher e Rego (1981) e de Bradley e Bryant (1983) têm demonstrado relação entre esta consciência e o progresso em leitura e escrita. Muito embora as habilidades metalingüísticas sejam um problema central para a alfabetização, este parece ser um dos aspectos mais negligenciados, visto que não é considerado quer na formação de professores, quer na elaboração de programas de alfabetização. Todavia, a importância do desenvolvimento de uma consciência metalingüística não deve limitar-se apenas à reflexão em uma só variedade de fala, mas considerar a diversidade de variedades sociais, principalmente tratando-se da alfabetização de crianças das classes populares, usuárias de variedades não-padrão. E esta não parece ser a prática pedagógica adotada em sala de aula na escola pública, que vem privilegiando basicamente os padrões lingüísticos e culturais das classes socialmente privilegiadas, ignorando os padrões das classes populares que, contraditoriamente, constituem-se na clientela predominante desta mesma escola. Nesta perspectiva, os resultados encontrados por Sampaio e cols. (1988), num estudo sobre o perfil de professores — alfabetizadores de escolas públicas do Recife, no que se refere às suas concepções e prática pedagógica no ensino-aprendizagem da Língua Materna, reforçam esta constatação à medida que situam a questão da hegemonia cultural de uma determinada classe sobre outra, demonstrando como o ensino de uma variedade de prestígio da Língua Portuguesa pode ser usado como instrumento de manipulação que garanta a conservação desta relação de dominação.

Segundo Soares (1985 e 1986), o conflito enfrentado por essas crianças que, ao ingressarem na escola, são submetidas a uma prática pedagógica de ensino de língua que impõe a variedade padrão como a única aceitável, seria uma das explicações para o fracasso escolar das crianças de baixa renda.

O objetivo do presente estudo foi verificar se uma metodologia de ensino de língua materna, voltada à prática de uma reflexão e análise sobre o conhecimento de língua que o aluno já possui (sua própria variedade de fala) e a língua ensinada na escola (a variedade padrão), concorreria positivamente para a aquisição de habilidades metalingüísticas, facilitando-a aprendizagem da língua padrão.

Para esse fim, foi oferecido um programa de treinamento às professoras-alfabetizadoras, bem como acompanhamento pedagógico ao longo do ano letivo.

Foram investigadas as habilidades de reflexão sobre as diferenças entre as variedades lingüísticas padrão e não-padrão, nas áreas da fonologia e sintaxe, numa amostra de 60 crianças de 1a. série do 1.º grau de duas escolas públicas (experimental e controle) da cidade de Olinda, PE. A escola experimental adotou o tipo de metodologia descrito acima, visando: (1) adequar a prática pedagógica da alfabetização à experiência lingüístico-cultural das crianças; (2) desenvolver no professor senso crítico que permita (a) compreender as implicações sócio-lingüístico-culturais no processo de alfabetização e (b) incorporá-las à sua prática pedagógica; (3) levar os alunos a compreender a língua em diferentes contextos sociais, esclarecendo-os sobre (a) as diferenças regionais e sociais da língua e do seu prestígio social relativo, (b) os diferentes usos da língua, caracterizando a variedade padrão como a socialmente prestigiada, mas equivalente à variedade não-padrão, valorizando, assim, a variedade lingüística da criança e (c), levando-as a observar as diferenças entre ambas as variedades. Foram aplicados, a cada sujeito, individualmente, dois instrumentos de avaliação, com a finalidade de comparar a produção oral e escrita das crianças de ambas as escolas. O primeiro foi aplicado após o término do período preparatório à alfabetização, a fim de avaliar o comportamento de entrada do aluno e o segundo, no final do ano letivo, para a avaliação do comportamento de saída.

Os instrumentos compreendiam diversas tarefas, tanto a nível oral como escrito. As respostas fornecidas pelas crianças em cada uma das tarefas foram categorizadas em níveis que refletem um desenvolvimento maior ou menor da habilidade de reflexão metalingüística.

RESULTADOS

Os resultados sugerem a existência de níveis de desenvolvimento quanto à habilidade metalingüística relacionada à capacidade de reflexão sobre as diferenças entre as varia-

des lingüísticas padrão e não-padrão. Esses níveis apresentam uma progressão que vai desde:

- . uma ausência desta habilidade,
- . passando por um momento caracterizado por uma tentativa de reflexão,
- . até níveis mais elaborados, onde as justificativas dos sujeitos demonstram uma habilidade de reflexão definida sobre as diferenças entre ambas as variedades, conforme podemos verificar nos seguintes exemplos:

INSTRUMENTO I

COMPREENSÃO DA VARIAÇÃO DA LINGUAGEM:

a — nível fonológico

NIVEL I — Justificativas das crianças que não refletem uma compreensão de que significantes diferentes referem-se a um mesmo significado (no caso, **muié, mulé e mulher**).

Exs. :

- (a) Não sei
- (b) Porque depende da muié.

NIVEL II — Justificativas das crianças que refletem uma compreensão de que significantes diferentes referem-se a um mesmo significado.

Exs. :

- (a) Por que mulé e mulhé é a mesma coisa.
- (b) É quase o mesmo nome.
- (c) Por que mulé é diferente de mulher.

b — nível sintático

NÍVEL I — Crianças que não percebem a presença/ausência do marcador do plural.

Exs.:

(a) Porque eles três foram brincá.

(b) Porque quando vai brincá, não vai pouco, vai muito.

NÍVEL II — Crianças que percebem a presença/ausência do marcador do plural, mas não conseguem identificá-lo na palavra.

Exs.:

(a) Porque eu sabia que era um.

NÍVEL III — Crianças que além de perceberem a presença/ausência do marcador do plural também são capazes de identificá-lo na palavra.

Exs.:

(a) Porque é **o** menino foi brincá.

(b) Porque ela disse **os** **meninos** e aí é mais de um.

c — nível lexical

NÍVEL I — Crianças que não compreendem o significado das expressões apresentadas (1 — **comer sem carnê**, 2 — **deu o créu na televisão**, 3 — **o menino abriu o portão e ganhou o mundo**).

Exs.:

- (a) Tá com fome.
- (b) Faltou energia.
- (c) Ele quebrou o portão.

NIVEL II — Crianças que compreendem o significado das expressões, mas não apresentam definições claras sobre as mesmas.

Exs.:

- (a) Só feijão.
- (b) Quer dizer que ele tava na rua.

NIVEL III — Crianças que compreendem o significado das expressões e apresentam uma definição clara sobre as mesmas.

Exs.:

- (a) Cumê almoço sem carne.
- (b) Quando a TV tá com aquele negócio que a gente não vê nada.
- (c) Fugiu pá brincá.

O quadro abaixo ilustra os resultados obtidos no primeiro instrumento de avaliação com relação às diversas tarefas relativas às variedades lingüísticas padrão e não-padrão, apontando diferenças significativas entre as escolas nas tarefas (1) discriminação auditiva-visual das variedades lingüísticas e (2) compreensão da variação de linguagem a nível lexical.

QUADRO I — RESULTADOS OBTIDOS NAS TAREFAS DISCRIMINAÇÃO AUDITIVA-VISUAL DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E COMPREENSÃO DA VARIAÇÃO DA LINGUAGEM A NÍVEL FONOLÓGICO, SINTÁTICO E LEXICAL, APLICANDO-SE O TESTE DO 7².

ASPECTOS	Nível de Signif.	7 ² 0	7 ² 1ab
1. Discriminação auditiva-visual VL	0,05	66,82	9,21*
2. Compreensão variação da linguagem			
[a] fonológico	0,05	0,19	3,84
[b] sintático	0,05	0,1956	3,89
[c] lexical	0,01	6,54	5,99*

* Aponta diferenças significativas entre escolas, evidenciando um **desempenho superior** dos sujeitos da **escola experimental**.

INSTRUMENTO II

CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA E VARIEDADES LINGÜÍSTICAS:

a — Discriminação oral

NÍVEL I — Justificativas que se caracterizam por uma ausência de reflexão metalingüística acerca das diferenças entre ambas as variedades.

(O experimentador lê uma frase e pergunta à criança se a frase lida estava certa ou errada, pedindo que justifique sua resposta. Se você fosse dizer esta frase — “Nós gosta de cantar”, do jeito que a gente escreve, como é que você falaria?)

Ex.:

(a) Porque ficou direito.

NIVEL II — Justificativas que indicam uma tentativa de reflexão metalingüística.

Ex.:

(a) Não é **nós** não, é **eu gosto** de cantar.

NIVEL III — Justificativas que se caracterizam por uma reflexão metalingüística sobre as diferenças entre ambas as variedades.

Ex.:

(a) Porque o certo é **gostamos**.

Discriminação gráfica

NIVEL I — Crianças que não escrevem ou cuja escrita está distante da variedade padrão.

(O experimentador fala à criança: "em cada frase que você vai ler tem uma palavra escrita errada. Veja se você descobre qual é". Depois da identificação a criança era solicitada a reescrevê-la corretamente).

Exs.:

(a) Vavé deu **cumê** a Vivi.

(b) A **barboleta** é azul.

Aluno:

(escritas não identificáveis)

NIVEL II — Escrita mais próxima da variedade padrão, mas ainda marcada por características como (a) correções fonológicas, (b) correções com (1) inversão, (2) inserção, (3) substituição e (4) omissão de letras.

Aluno:

- (a) **comeda** (3)
- (b) **boboleta** (4)

NÍVEL III — Escrita na variedade padrão, demonstrando habilidade em realizar a transposição da variedade lingüística não-padrão para a forma da escrita compatível com a variedade padrão.

Aluno:

- (a) **comida**
- (b) **borboleta**

b — Variedade Padrão e Escrita

(Através da apresentação de dois enunciados, um na VP e outro na VNP, foram formuladas perguntas para saber se a criança fazia relação entre a variedade padrão e a escrita. Esta tarefa foi computada apenas em termos do n.º de respostas que demonstram este tipo de relação).

c — Língua Falada e Língua Escrita

(idem ... para saber se a criança reflete sobre a diferença entre LF e LE)

NÍVEL I — Não reflete sobre a diferença entre ambas.

Exs.:

- (a) Porque a letra de escrever não é a letra de ler.
- (b) Porque parece igual.

NÍVEL II — Tentativa de reflexão sobre as diferenças entre ambas.

Exs.:

- (a) Porque a fala da gente muda.
- (b) Porque tem ela (fala) de outro tipo, de muitos tipos.

QUADRO II — RESULTADOS OBTIDOS NA TAREFA CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA E VARIEDADES LINGÜÍSTICAS, APLICANDO-SE O TESTE DO 7².

TAREFAS	Nível de Signif.	7 ²	7 ² tab.
A (DO)	0,02	6,12	3,84*
B (DG)	0,05	7,2	5,99*
C (VP-E)	0,05	1,22	3,85
(LF-LE)	0,05	1,22	3,84
(F-E)	0,05	4,46	3,84*

* Aponta diferenças significativas entre as escolas, evidenciando um desempenho superior da escola experimental.

NÍVEL III — Compreende a diferença entre Língua Falada e Escrita.

Exs.:

(a) Porque elas (LF/LE) não são iguais. Falando fica diferente.

(b) Porque a gente não fala do mesmo jeito que escreve.

d — Fala e Escrita

(Através da apresentação de dois enunciados, um na VP e outro na VNP, foram formuladas perguntas para saber se a criança reflete sobre a diferença entre F/E).

NÍVEL I — Não reflete sobre a diferença entre ambas.

Exs.:

(a) Porque é assim mesmo.

(b) Eu acho mais bonito estas palavras do jeito que está aí.

NÍVEL II — Tentativa de reflexão (associa o conceito de certo e/ou padrão gramatical com a escrita).

(Frases: As meninas brinca de boneca. As meninas brincam de boneca).

Exs.:

(a) Porque tem um "m". Se não ficá um "m" fica errado.

(b) Porque tem um "m". Senão fica errado.

NÍVEL III — Compreende que a escrita nem sempre corresponde à fala.

Exs.:

(a) Porque esta daqui é a que a gente escreve e esta, a que a gente fala. Todo mundo fala arroi.

(b) Porque não é igual como escreve.

O quadro abaixo ilustra os resultados obtidos nas diversas tarefas do segundo instrumento de avaliação com relação às diversas tarefas relativas à consciência metalingüística e variedades lingüísticas, apontando diferenças significativas entre as escolas nas tarefas (a) discriminação oral, (b) discriminação gráfica e (c) fala e escrita.

QUADRO II — RESULTADOS OBTIDOS NA TAREFA CONSCIÊNCIA METALINGÜÍSTICA E VARIEDADES LINGÜÍSTICAS, APLICANDO-SE O TESTE DO 7².

TAREFAS	Nível de Signif.	7 ^{2o}	7 ^{2 tab.}
A (DO)	0,02	6,12	3,84*
B (DG)	0,05	7,2	5,99*
C (VP-E)	0,05	1,22	3,85
(LF-LE)	0,05	1,22	3,84
(F-E)	0,05	4,46	3,84*

* Aponta diferenças significativas entre as escolas, evidenciando um desempenho superior da escola experimental.

Com o objetivo de verificar se havia correlação entre os níveis de desenvolvimento da habilidade de reflexão metalingüística relacionada à capacidade de reflexão sobre as diferenças entre as variedades lingüísticas padrão e não-padrão e o desempenho global dos sujeitos em outras tarefas envolvendo discriminação de fonemas e sílabas, leitura e compreensão de frases, foi aplicado o Coeficiente de Contingência, obtendo-se $C = 0,43, X^2 > 26,46$ e $\epsilon = 0,001 < 0,05$. Os resultados do teste estatístico evidenciam uma correlação satisfatória entre a progressão de níveis de reflexão metalingüística e o desempenho global dos sujeitos nas tarefas mencionadas:

CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

Os resultados sugerem a existência de níveis de desenvolvimento quanto à habilidade metalingüística relacionada à capacidade de reflexão sobre as diferenças entre as variedades lingüísticas padrão e não-padrão. Esses níveis apresentam uma progressão que vai desde uma ausência desta habilidade, passando por um momento caracterizado por uma tentativa de reflexão, até níveis mais elaborados, onde as justificativas dos sujeitos demonstram uma habilidade de reflexão definida sobre as diferenças entre ambas as variedades.

A metodologia adotada parece favorecer o desenvolvimento de habilidade de reflexão por parte da criança, visto que no primeiro instrumento detectou-se apenas a capacidade da criança de perceber as diferenças, sem, todavia, conseguir explicar em que consistiam estas diferenças. No segundo instrumento, aplicado no final do ano, as crianças foram capazes de detectar variações lingüísticas no domínio da linguagem oral e escrita, tanto a nível fonológico como sintático.

Esta investigação aponta ainda para uma dificuldade na aprendizagem da Língua Materna com a qual se deparam as crianças das classes populares: a dupla transposição que precisam realizar para o domínio das formas escritas. Ora, a transposição da forma sonora da fala para a forma da escrita já é uma tarefa cognitiva extremamente complexa. As crianças das classes populares, além desta transposição, deparam-se com o distanciamento entre a variedade lingüística que usam (não-padrão) e um sistema de representação de fonemas em grafemas que privilegia uma determinada variedade lingüística (padrão) que não é a sua. Portanto, o caminho

cognitivo que elas têm de percorrer para estabelecer esta transposição é, sem dúvida, mais longo do que o das crianças das classes privilegiadas. Todavia, quando a prática pedagógica inclui uma reflexão sobre as diferenças entre a variedade padrão e a variedade não-padrão e uma reflexão acerca das diferenças entre fala/escrita, esta dupla transposição é facilitada.

Os resultados do presente estudo sugerem a necessidade de serem desenvolvidas outras investigações acerca do processo da alfabetização dentro de uma abordagem sociolinguística, enfatizando-se estudos sobre metalinguagem, levando-se em consideração as variedades linguísticas sociais, sobretudo tratando-se de alfabetização de crianças das classes populares.

Há escassez bibliográfica sobre o assunto, o que torna esta investigação um estudo exploratório que não esgota o tema, suscitando a necessidade de se conduzir outros estudos nesta área dos quais se possam extrair implicações pedagógicas para o processo de alfabetização.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS E SOCIAIS

As conclusões às quais chegamos neste projeto sugerem a necessidade da inclusão, na prática pedagógica em sala de aula, de atividades que facilitem a reflexão metalinguística dos alunos em dois planos: língua falada e língua escrita e fala e escrita.

Nessa perspectiva, faz-se necessário repensar critérios de avaliação dos escolares, considerando o processo evolutivo da criança em direção à apropriação da variedade de prestígio e de sua representação na escrita.

Para a viabilização de uma proposta pedagógica que considere o enfoque sociolinguístico da alfabetização é indispensável que se inclua nos cursos pedagógicos, fundamentos sociolinguísticos, capacitando, desta forma, os professores, ao ensino da Língua Materna às crianças das classes populares.

Finalmente, na medida em que refletirmos com as crianças o conflito lingüístico das variedades lingüísticas sociais, estaremos trazendo para o centro da discussão, em sala de aula, o conflito entre classes sociais: a hegemonia das classes dominantes sobre as classes dominadas através da legitimação de seu capital lingüístico-cultural na sociedade.

QUADRO I — RESULTADOS OBTIDOS NAS TAREFAS DISCRIMINAÇÃO AUDITIVA-VISUAL DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E COMPREENSÃO DA VARIAÇÃO DA LINGUAGEM A NÍVEL FONOLÓGICO, SINTÁTICO E LEXICAL, APLICANDO-SE O TESTE DO 7²

ASPECTOS	Nível de Signif.	7 ^{2o}	7 ² tab.
1. Discriminação auditiva-visual VL	0,05	66,82	9,21*
2. Compreensão variação da linguagem			
[a] fonológico	0,05	0,19	3,84
[b] sintático	0,05	0,1956	3,89
[c] lexical	0,01	6,54	5,99*

* Aponta diferenças significativas entre escolas, evidenciando um **desempenho superior** dos sujeitos da **escola experimental**.

Agradecemos ao Conselho Nacional de Pesquisa - CNPq que possibilitou a execução do projeto, bem como à colaboração da Secretaria de Educação de Olinda e à participação das professoras alfabetizadoras da Escola Monsenhor Fabrício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRYANT, P. E. e BRADLEY, L. **Children's Reading Difficulties**. Oxford: Blackwells, 1985 (no prelo).

CARRAHER, T. N. Alfabetização e Pobreza. Três Faces do Problema. Monografia submetida e premiada pela Fundação do Livro Escolar do Estado de São Paulo, outubro, 1984 (não publicada).

_____. Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem da Leitura. Trabalho apresentado na XII Reunião Anual da Sociedade de Biologia de Ribeirão Preto, outubro, 1983.

_____ e REGO, L. L. B. O Realismo Nominal como Obstáculo na Aprendizagem da Leitura. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, nº 39, p. 3-10, 1981.

FERREIRO, E. **Reflexão sobre Alfabetização**. São Paulo, Cortez Editora, 1986.

LUNDBERG, I. Aspects of linguistic awareness related to reading. In: SINCLAIR, A.; JARVELLA, R. J., LEVELT, W. J. M. (Eds.). *The child's conception of language*. Berlin Springer-Verlag, 1978.

REGO, L. L. B. Descobrimos a Língua Escrita antes de Aprender a Ler: Algumas Implicações Pedagógicas. **Rev. Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 66, nº 152, p. 5-77, 1985.

SAMPAIO, M. C. H., SPINILLO, A. G. e CHAVES, M. F. O uso do registro narrativo literário nas histórias orais de

alunos de 1a. série: **Revista Educação em Questão**, vol. 04(1); _____ 1990 (no prelo).

SAMPAIO, M. C. H., FERREIRA, R. A., AGUIAR/OLIVEIRA, E. E. de e CHAVES, M. F. Língua Materna e Ideologia: **Um Estudo Sobre as Concepções e a Prática Pedagógica de Alfabetizadores de Escolas Públicas do Recife**. Rela-

tório Técnico Final. Recife, Centro Josué de Castro de Estudos e Pesquisas, Recife, 1988, 109 p.

SOARES, M. B. **Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social**. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

As muitas facetas da alfabetização.
Caderno de Pesquisa, São Paulo, nº 52, p. 19-24, 1985.